

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

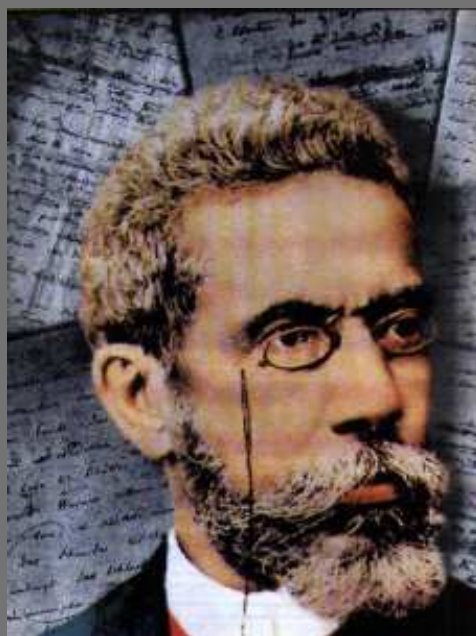
VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

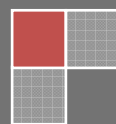
2009

CADERNO PEDAGÓGICO

**SEDUÇÃO MACHADIANA: UMA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO
GÊNERO CONTO**



Marilda Krenski
Campo Mourão - 2009





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
DO ESTADO DO PARANÁ



Autora:

Marilda Krenski

Orientador:

Antonio Carlos Aleixo

Instituição de Ensino Superior:

FECILCAM/ UEM

CAMPO MOURÃO

2009





APRESENTAÇÃO

Professor e Professora:

Este Caderno Pedagógico pretende proporcionar uma reflexão sobre os fundamentos teórico-práticos do ensino-aprendizagem da leitura, das sequências didáticas e do texto literário.

Propõe ainda indicar um modelo em que o gênero textual conto, da esfera literária, seja objeto de ensino da leitura, entendida como interpretação compreensão e análise linguística. Espera-se assim, outra postura pedagógica para o ensino-aprendizagem, com vistas à aquisição das práticas discursivas dos estudantes. Buscando entender como estes agem e interagem nas práticas sociais, por meio do gênero textual escolhido, e desenvolvem suas capacidades de linguagem.

Os aportes teóricos utilizados partem das contribuições bakhtinianas sobre gêneros discursivos, da abordagem histórico-cultural dos processos de aprendizagem e de apropriação de conhecimentos, desenvolvida por Vigotskii. Além destes, toma-se como base conceitual o quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, proposto por Bronckart, os pressupostos teóricos dos pesquisadores Dolz e Schneuwly e Machado. Sem perder de vista a linha teórica das DCE do Estado do Paraná.

O caderno foi organizado com base nos aportes mencionados, que fornecem suporte teórico e metodológico para organização de uma “**Sequência Didática para a Leitura**” no gênero conto, propondo uma ruptura com o ensino de língua materna centrada na gramática normativa e no repasse de regras, e dos estudos literários descontextualizados e estanques.

Somados, tais itens contribuirão para a educação pública do Estado do Paraná, pois se trata de um exercício de produção intelectual que contribuirá para a formação dos professores, nos campos teórico-prático, porque explicita a teoria e desenvolve atividades de trabalho com o gênero textual conto.

Marilda Krenski





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
UNIDADE 1	7
1. A LEITURA.....	7
1.1 Aspectos Teórico-Práticos do Ensino-Aprendizagem da Leitura....	7
1.2 Sequência Didática para Leitura	15
1.3 Texto Literário.....	20
UNIDADE 2	22
2. O GÊNERO CONTO	22
2.2 Apresentando o gênero conto no Brasil	23
2.3 O Conto em Machado de Assis	24
2.4 Caracterização do gênero escolhido.....	25
2.5 Modelo Didático para o gênero Conto.....	27
UNIDADE 3	30
3. Atividades.....	30
3.1. Módulo I – Circuito de Leitura de Contos	30
3.1.1. Atividade 1- Seduzindo leitores.....	30
3.1.2. Atividade 2 - Seduzindo leitores na Internet.....	31
3.2 Módulo II – Apresentação do contexto sócio-histórico do autor ..	32
3.2.1. Atividade 1 – Música: Homenagem de Martinho da Vila	32
3.2.2. Atividade 2 – Vídeo	33
3.2.3 Atividade 3 - Trabalhando com o vídeo.....	33
3.2.4. Atividade 4 – Contexto sócio-histórico do Realismo.....	34
3.2.5. Atividade 5 – Ampliando conhecimentos sobre o autor	36
3.2.6. Atividade 6 – Ficha Biográfica do autor.....	37
3.2.7. Atividade 7 – Ouvindo contos	37
3.3. Módulo III – Leitura e análise do conto escolhido	38



3.3.1. Atividade 1 – Leitura do conto <i>A Carteira</i>	38
3.3.2 Atividade 2 – Reconhecendo o contexto de produção	41
3.3.3. Atividade 3 – Analisando o conteúdo temático.....	42
3.3.4. Atividade 4 – Analisando o enredo.....	43
3.4. Módulo IV – Reconhecendo o discurso e as sequências	44
3.4.1 Atividade 1 – Tipos Discursivos	44
3.4.2. Atividade 2 – Sequência narrativa.....	45
3.4.3. Atividade 3 – Os tempos verbais e as sequências discursivas	49
3.4.4. Atividade 4 – Sequências encaixadas na narração.....	50
3.4.5. Atividade 5 – Autor e narrador	53
3.5. Módulo V – Os mecanismos de textualização.....	54
3.5.1. Atividade 1 – Os personagens (a coesão nominal).....	54
3.5.2. Atividade 2 – O Tempo e o Espaço da narrativa - A conexão .	56
3.6. Módulo VI – Dramatização dos Contos.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62



INTRODUÇÃO

Possibilitar que os estudantes utilizem a língua em contextos reais de interlocução e reflitam criticamente as relações estabelecidas na (e pela) linguagem são objetivos fundamentais do ensino de Língua Portuguesa. No entanto, constata-se que nem sempre essas tarefas chegam a ser realizadas de forma apropriada, tornando-se imprescindível a criação de alternativas que possam contribuir para o efetivo aprendizado.

Nesse sentido, este caderno propõe a aplicação de um trabalho pedagógico com as práticas discursivas da oralidade, leitura e escrita, com vistas a ampliar os conhecimentos linguísticos dos estudantes, tendo como suporte de leitura e análises o gênero literário conto. Apresenta ainda, um estudo descritivo e explicativo do percurso realizado, para aplicar uma sequência didática (SD) de leitura, do gênero conto, seguindo os referenciais teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), desenvolvidos por Jean Paul Bronckart.

Ao considerar o gênero textual como objeto de ensino, na primeira unidade, este caderno pedagógico pretende fornecer suporte sobre os referenciais teóricos de leitura, e propor um exercício prático, visando a uma reflexão sobre as concepções de leituras que perpassam o trabalho com essa prática discursiva. Na sequência, será apresentado o gênero literário conto, observando seus aspectos históricos e suas características estéticas e nesse momento, será estudada a presença do escritor Machado de Assis na Literatura Brasileira. Tratam-se, portanto, de importantes discussões acerca do conhecimento abrangente sobre o funcionamento e as características do gênero em questão, seja para sua compreensão ou produção oral, seja para produção e compreensão escrita.

A terceira unidade descreve os passos propostos para a sequência didática de leitura, com a sugestão de um modelo didático de análise do conto selecionado, atividades que compõem a SD aplicada e orientações de aplicação para os professores.



UNIDADE 1

1. A LEITURA

1.1 Aspectos Teórico-Práticos do Ensino-Aprendizagem da Leitura

Para iniciar a reflexão, propõe-se a leitura do conto *A opinião em palácio*, de Carlos Drummond de Andrade, disponível no site:

<<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond37.htm>>, acessado em 25/02/2010.

A OPINIÃO EM PALÁCIO

O Rei fartou-se de reinar sozinho e decidiu partilhar o poder com a Opinião Pública.

— Chamem a Opinião Pública — ordenou aos serviçais.

Eles percorreram as praças da cidade e não a encontraram. Havia muito que a Opinião Pública deixara de freqüentar lugares públicos. Recolhera-se ao Beco sem Saída, onde, furtivamente, abria só um olho, isso mesmo lá de vez em quando. Descoberta, afinal, depois de muitas buscas, ela consentiu em comparecer ao Palácio Real, onde Sua Majestade, acariciando-lhe docemente o queixo, lhe disse:

— Preciso de ti.

A Opinião, muda como entrara, muda se conservou. Perdera o uso da palavra ou preferia não exercitá-lo. O Rei insistia, oferecendo-lhe sequilhos e perguntando o que ela pensava disso e daquilo, se acreditava em discos voadores, horóscopos, correção monetária, essas coisas. E outras. A Opinião Pública abanava a cabeça: não tinha opinião.

— Vou te obrigar a ter opinião — disse o Rei, zangado. — Meus especialistas te dirão o que deves pensar e manifestar. Não posso mais reinar sem o teu concurso. Instruída devidamente sobre todas as matérias, e tendo assimilado o que é preciso achar sobre cada uma em particular e sobre a problemática geral, tu me serás indispensável. E virando-se para os serviçais:

— Levem esta senhora para o Curso Intensivo de Conceitos Oficiais. E que ela só volte aqui depois de decorar bem as apostilas.

Para entender o contexto de produção deste conto, as informações abaixo são importantes.



Este conto foi publicado inicialmente em 1981, numa edição de pequena tiragem no livro: “Os *Contos Plausíveis*”. Depois o livro foi editado e apareceu para o grande público em 1985. Sua origem é a mesma das crônicas do poeta: a coluna das terças, quintas e sábados no *Jornal do Brasil*, que a redistribuía para outros jornais do país.

Espera-se com a leitura de *A opinião em palácio*, refletir sobre alguns aspectos teórico-práticos do ensino-aprendizagem de leitura de um dos mais breves gêneros literários. O propósito é redimensionar o trabalho com a leitura e gêneros textuais na escola, proporcionando a apreensão de saberes e significados a partir do modo como um texto é estruturado.

Tendo em vista a necessidade de fornecer elementos para uma reflexão crítica acerca do modo pelo qual a leitura e as atividades com os gêneros têm sido adotadas nas escolas, pretende-se recuperar os pressupostos dos modelos teóricos que orientavam, ou orientam, o ensino de leitura e gêneros nas escolas.

Entretanto, a visão defendida neste Caderno Pedagógico, para o trabalho com leitura e gêneros, insere-se na perspectiva teórica do Interacionismo Sociodiscursivo, doravante ISD, (BRONCKART, 2007) que, por sua vez, segue os pressupostos teóricos bakhtinianos. Leitura é também entendida aqui como prática social, onde a língua é marcada sócio-historicamente e os textos têm por objetivo produzir sentidos, exigir uma “atitude responsiva” de seu leitor. (BAKHTIN 2003, p. 301).

As atuais condições sociais exigem um leitor ativo, consciente do seu papel social, que consiga mobilizar conhecimentos necessários para concretizar a compreensão do texto e ao mesmo tempo produzir novos significados, já que a leitura é entendida “como uma atividade social em que há construção de sentidos em um contexto determinado...” (CRISTOVÃO, 2001, p.28).

Deste modo, o ISD considera que todo texto é produzido e/ou compreendido em dada situação de interação e que as ações e práticas de linguagem do leitor só podem ser realizadas por meio da utilização de suas capacidades de linguagem - capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).



Prossegue-se a análise, aprofundando as diferentes concepções teóricas que abordam a compreensão acerca do que consiste o ato de ler. O modelo estruturalista/cognitivista traz a concepção de que ler é uma atividade de decodificação ou extração, e evidencia o texto como o artefato principal da leitura, pois nele está posto o sentido, bastando ao leitor reconhecê-lo e reproduzi-lo. O processo é ascendente, isto é, a compreensão flui do texto ao leitor na medida em que o leitor caminha pelas sentenças.

Ao que parece nessa primeira concepção de leitura, com **foco no autor**, o texto é compreendido como um produto lógico do pensamento, como uma representação mental do autor que vai para o papel, ao leitor compete, somente, “captar” essa representação mental materializada, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo um papel passivo (MENEGASSI, 1995; KOCH, 2002).

Deste modo, a **leitura**, nessa concepção, é entendida como atividade de captação das idéias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções e o sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor apreender essas intenções.

Assim, para ler e compreender o conto proposto, o estudante teria que somente, responder a perguntas de leitura como estas:

1. O que **o autor quis dizer** com “o rei fartou-se de reinar sozinho”?
2. Segundo o autor “Havia muito que a Opinião Pública deixara de frequentar lugares públicos. Recolhera-se ao Beco sem Saída...” o que **o autor quis dizer** com isso?
3. **Para o autor do texto**, o rei com a expressão: “Vou te obrigar a ter opinião...” demonstra ser autoritário ou quer mesmo a participação da opinião pública no seu reinado?

Já o modelo psicolinguístico, numa evidente oposição à abordagem anterior, troca as atenções para o papel do leitor no processamento do texto. Segundo Goodman (1987) e Smith (1999), ler é fazer um processo ativo de construção mental. Nessa abordagem considera-se que o sentido é ativado pelos



conceitos, que estão baseados nas experiências vivenciais do leitor, antes do seu contato com o texto, e esse processo envolve múltiplas fontes de conhecimentos: linguísticos, textuais e de mundo. Assim, “o que o texto faz não é apresentar um sentido novo ao leitor, mas fazê-lo buscar, dentro de sua memória, um sentido que já existe e que já foi de certa maneira construído previamente” (LEFFA, 2000, p.24).

Portanto, nessa segunda concepção, é possível identificar abordagens com o **foco no leitor**, onde o sentido para a leitura é construído a partir do leitor, de modo descendente, indo do leitor ao texto. Assim, a aquisição da compreensão sempre estará no leitor, e nos seus conhecimentos prévios que estão armazenados na memória. Depreende-se que ler é atribuir significado ao texto, levando em conta que diferentes leitores, com diferentes conhecimentos prévios, produzem diferentes compreensões para o texto.

Deste modo, para o conto proposto, seriam aplicadas perguntas de leitura e compreensão tais como:

1. **Em sua opinião**, o rei queria mesmo que a opinião pública estivesse ao seu lado?
2. **Comente** o título do texto.
3. O final do texto é feliz ou triste? **Justifique** sua resposta.
4. Explique, em poucas palavras, **o que você compreendeu** da história lida.
5. A partir da leitura do conto, **a que conclusão você chega** sobre o final proposto.

Ainda nesta concepção é possível identificar que a leitura também tem **foco no texto**. Dessa forma, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor, no caso, o autor, a ser decodificado pelo leitor, bastando a este o conhecimento do código utilizado. Então, nessa concepção, a leitura é uma atividade que exige do leitor a atenção no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito (o texto)”.



Portanto, nesse contexto caberia ao leitor o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Nas atividades de compreensão do conto, geralmente, eram feitas perguntas de leitura, tais como:

1. Retire do texto a frase que expressa a idéia de súplica.
2. Em qual parte do texto pode-se encontrar uma referência a autoridade exercida pelo rei.
3. Procure no texto as palavras que você desconhece o sentido e busque seu significado no dicionário.

Entretanto, as duas concepções apresentadas têm sido alvo de muitas críticas, visto que, ao privilegiarem ora o papel do autor, ora o papel do texto ou papel do leitor, acabam por apresentar um conceito muito restrito acerca da leitura.

Na abordagem da teoria interacionista, Kleiman (1996), defende que o modo interacional da leitura implica a figura do autor presente no texto por meio das marcas formais que agem como pistas, necessárias para que o leitor acesse a opinião do autor, isto é, quais as razões que levaram este a dizer o que disse e da maneira como disse. Segundo a autora, “processar o texto é perceber o exterior, as diferenças individuais superficiais; perceber a intenção, ou melhor, atribuir uma intenção ao autor, é chegar ao íntimo, à personalidade através da interação” (KLEIMAN, 1996, p.92).

Na concepção proposta, com **foco na interação autor-texto-leitor**, o autor e leitor são sujeitos ativos que dialogam que se constroem e são construídos no texto, que é considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Assim, há lugar, no texto, para se ver os implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quanto se tem como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é percebido na interação texto-sujeitos, no caso, o autor e o leitor, e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto



conjunto de saberes no interior do evento comunicativo, assim são necessárias perguntas que trabalhem a língua e com o texto.

Para interpretar o conto proposto poderiam ser aplicadas as seguintes perguntas, com foco na interação autor-texto-leitor:

1. Por que o título do conto é “A opinião em palácio”?
2. Por que o Rei mandou chamar a opinião pública?
3. Você sabe o que é a opinião pública, e o que ela representa?
4. No reino em questão, por que a opinião pública estava tão retirada e tão “sem opinião”?

Ainda, são possíveis outros exemplos de perguntas para estudo da língua, como as seguintes:

1. Quais são os termos usados no texto para referir-se ao Rei? Destaque-os, grifando no texto.
2. Da mesma forma, quais são os termos no texto que se referem a opinião pública? Grife-os.
3. Por que se emprega um traço antes da fala do Rei e como este traço se chama?
4. No primeiro parágrafo, Como poderia ser substituída a expressão “fartou-se”?
5. Na fala do Rei: “Preciso de ti”, qual era a sua intenção?
6. A expressão “A Opinião, muda como entrara, muda se conservou. Perdera o uso da palavra ou preferia não exercitá-lo. Tem qual significação diante do poder da majestade o Rei?
7. O que significa para a opinião pública fazer “um curso intensivo de Conceitos Oficiais”?

Contudo, ainda que essa vertente apresente uma visão mais aberta sobre leitura, observam-se nela alguns conceitos com restrição. Nota-se, primeiro, que os textos não estão inseridos em práticas sociais, isto é, desconsidera-se o fato



de que são feitos por alguém e para alguém, ambos, sujeitos que ocupam um determinado lugar na sociedade.

Estudos, de Dell'Isola (1996) e Moita Lopes (1996) consideram que ler, numa outra perspectiva, a sociointeracionista, é adicionar na atividade de leitura o elemento social. Para Dell'Isola (1996), a leitura acontece numa prática social porque o sujeito leitor e o sujeito autor mostram na leitura marcas da individualidade e do lugar social de onde procedem. Essa autora ainda marca a leitura como ato de co-produção do texto, visto que o texto nunca está acabado, e apresenta espaços lacunares que serão preenchidos de acordo com as condições sociais, ideológicas, culturais, históricas e afetivas do leitor.

De acordo com Moita Lopes (1996), ler é se inserir numa prática social. O autor alerta para o fato de que há relações de poder subentendidas no uso da linguagem. Assim, ao ler o texto, o sujeito leitor precisa adquirir uma atitude crítica para perceber significados que discriminam, oprimem e sufocam aqueles situados em posição de desigualdade.

Das concepções apresentadas a sociointeracionista parece ser a mais apropriada para formar leitores críticos, capazes de se posicionar conscientemente no contexto social. Do mesmo modo, ao buscar as contribuições do quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), para as atividades de leitura, acredita-se que estas, também sejam apropriadas, pois seus pressupostos sugerem a leitura como uma atividade de linguagem voltada à prática social, à interação entre os indivíduos, ao desenvolvimento de seres humanos. O ISD defende que “as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização. (BRONCKART, 2007, P. 21).

Os pressupostos teóricos do ISD dialogam com outras abordagens, em especial com a análise do conceito de “formações” elaboradas por Foucault (2000). Assim, ao estudar a perspectiva discursiva da leitura, que segue os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (ORLANDI, 1999), admite-se que este modelo apresenta contribuições para a formação de leitores. **A leitura**, nessa concepção, visa a descobrir os efeitos de sentido que as escolhas efetuadas criam, colocando em jogo os processos de significação, produzindo a desconstrução das verdades inerentes ao texto, trazendo ainda, as imagens que



perpassam os textos: imagens que autor e leitor fazem de si e do outro, a partir do lugar que ocupam no contexto social.

Para reafirmar tais pressupostos buscam-se as contribuições de Bakhtin/Volochinov, (1995):

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...]. a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mas efêmeras das mudanças sociais.(p.41)

Ainda segundo esse autor “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico e nem no psiquismo individual dos falantes.” (p.124). A partir de tal posição teórica, ele propõe a seguinte ordem metodológica para o estudo da língua:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se presta a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (p.124)

Dessa indicação metodológica, depreende-se que para realizar uma leitura deve-se partir do contexto amplo da sociedade (das suas condições históricas, econômicas e sociais) para o gênero, depois para os textos, até chegar à análise linguística. Bakhtin afirma ainda, que “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. (p.121)

E por fim, quando se buscam os fundamentos teórico-metodológicos propostos nas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008), para a prática discursiva da leitura, encontra-se reforço a estes pressupostos, visto que as DCE compreendem “... a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento.” (p. 56).



1.2 Sequência Didática para Leitura

Assim, para concretizar a concepção de leitura aqui defendida, esse caderno pedagógico busca, ainda, suporte teórico nas pesquisas de Dolz e Schneuwly (2004); Cristovão (2007) que trazem a fundamentação para o trabalho com Sequências Didáticas (SD) e Modelos Didáticos de Gênero (MDG) no ensino de Línguas, com o intuito de fornecer suporte teórico e construir um modelo de SD, para o trabalho com a leitura de contos, assim definida: “uma ‘seqüência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p 97).

Esses pesquisadores propuseram as primeiras sequências didáticas centradas no ensino de gêneros, sobretudo com trabalhos que visavam ao ensino de gêneros da linguagem escrita; e, só posteriormente, ao de gêneros formais do oral. Tais sequências teriam as seguintes características:

- ser objeto do trabalho escolar relacionando a atividade de linguagem a um gênero usado em uma determinada situação de comunicação;
- acontecer no interior de um projeto de classe;
- tomar como ponto de partida, na medida do possível, a observação das capacidades e das dificuldades dos alunos;

Para esses autores, “a sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar um aluno a dominar melhor um gênero de texto” (p.97), servindo para que estes tenham acesso a práticas de linguagem novas ou aquelas que têm dificuldades de dominar.

De acordo com Machado, na apresentação do livro “Modelos didáticos de gênero”, escrito por Cristovão (2007), para que os objetivos de ensino-aprendizagem de gêneros possam ser atingidos, as práticas escolares de leitura devem ser guiadas pelo que chamam de *modelo didático do gênero* a ser ensinado, isto é, por “um objeto descritivo e operacional, construído para entender o fato difícil da aprendizagem de um gênero”.

Para essa autora, “A construção desse modelo de gênero permitiria a visualização das dimensões constitutivas do gênero e seleção das que podem ser ensinadas e das que são necessárias para um determinado nível de ensino.” (MACHADO In: CRISTOVÃO, 2007).



De acordo com Cristovão (2007), o domínio de um, ou mais, gênero se estabelece como um instrumento que permite aos “agentes produtores e leitores” uma melhor relação com os textos, e a leitura, portanto, “... ao compreender como utilizar um texto pertencente a um determinado gênero, pressupõe-se que estes agentes poderão transferir conhecimentos e agir com a linguagem de forma mais eficaz...” (p. 3).

Para o ISD, o desenvolvimento das capacidades de linguagem é fundamental, pois, essas são vistas como um conjunto de intervenções que permitem o cumprimento de uma determinada ação de linguagem, um instrumento para mobilizar os conhecimentos que temos e operacionalizar a aprendizagem. Para Cristovão, que estuda os autores Dolz e Schneuwly, essas capacidades seriam de três tipos: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva.

A **capacidade de ação** permite, ao estudante, que ele adapte a sua produção de linguagem ao contexto de produção e recepção. É esta capacidade que o ajuda a fazer as representações do ambiente físico e social, do lugar social onde a interação acontece. Essas representações têm relação direta com o gênero, pois, esse deve estar adaptado a um destinatário, a um conteúdo e a um objetivo.

A **capacidade discursiva** possibilita que o estudante escolha a infraestrutura geral do texto, constituída pelo plano geral do texto, pelos tipos de discursos presentes e pela articulação entre esses tipos de discurso e as sequências discursivas, que já existem, bem como, o conteúdo específico para o texto que será produzido.

A **capacidade linguístico-discursiva** admite que os estudantes realizem as operações responsáveis pela construção do texto. Essa capacidade se divide segundo Cristovão, em quatro operações, a saber: as operações de textualização, que são a conexão, coesão nominal e verbal; os mecanismos enunciativos de gerenciamento de vozes e modalização; a construção de enunciados, oração e período e, por último, a escolha dos itens lexicais. (CRISTOVÃO, 2007, p. 12)

Acredita-se que, para construir uma sequência didática de leitura, faz-se necessário também, elaborar um modelo didático de leitura para o gênero conto. Deste modo, o modelo didático elaborado, observa as capacidades de



linguagens, descritas acima e busca ainda, o modelo de análise de textos de Bronckart (2007) que sugere a observação, para análise das condições de leitura e interpretação dos textos, dos seguintes elementos:

O contexto de produção, que se refere às representações sobre os mundos social, físico e subjetivo, mobilizado e definido pelo estudante em sua capacidade de ação, deve observar os seguintes aspectos relacionados às condições de produção: quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc.

A infraestrutura textual, ou plano geral, acionada na capacidade discursiva, a qual possibilita uma descrição da arquitetura interna dos textos nas suas relações com o contexto e depende “... do gênero selecionado, do tamanho do texto, da natureza do conteúdo temático, das condições externas de produção e da combinação dos tipos de discurso, sequências e formas de planificação.” (CRISTOVÃO, 2007, p. 17). Observando:

- Os conteúdos típicos do gênero, as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;
- A construção composicional característica do gênero, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- O seu estilo particular, ou, em outras palavras: as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador: (presença/ausência de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, dêiticos, tempos verbais, modalizadores, inserção de vozes);
- As sequências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero.

Os mecanismos de textualização contribuem para o estabelecimento da coerência temática do gênero. De acordo com Bronckart (2007), esses mecanismos subdividem-se em conexão, coesão nominal e coesão verbal. A conexão diz respeito aos organizadores textuais aplicados ao plano global e local da narrativa. A coesão nominal é responsável pela introdução dos temas e



retomadas dos referentes e, por fim, a coesão verbal, tem como função assegurar a organização temporal das ações.

Por fim, serão analisados **os mecanismos enunciativos**, que são responsáveis pela manutenção da coerência pragmática e podem admitir ao produtor do texto declarar o que é enunciado. No caso do gênero em questão, há uma predominância de discurso narrativo e isso permite ao agente-produtor do texto transferir a responsabilidade da enunciação à personagem.

Nessa perspectiva, para o conto “*Opinião em Palácio*”, proposto inicialmente, seriam necessárias atividades que observassem os seguintes itens do quadro abaixo, os quais baseiam se em Bronckart e Cristovão:

1. Análise do Contexto de Produção	
Contexto Físico de produção	<ul style="list-style-type: none">• O lugar de produção (contexto físico imediato);• O momento de produção (contexto histórico imediato);• Locutor/autor/ emissor;• Interlocutor/destinatário;
Contexto Sócio-Subjetivo de Produção	<ul style="list-style-type: none">• O lugar social da interação (escola, família, igreja etc.);• O lugar histórico da interação (contexto mais amplo);• A posição social do locutor (pai, prof, jornalista, aluno);• A posição social do receptor (prof, aluno, médico);• Objetivo (efeito que o locutor deseja produzir sobre o destinatário);• O conteúdo temático;• O suporte de circulação
2. Análise do Plano Discursivo	
Plano textual global (organização geral do texto)	<ul style="list-style-type: none">• A percepção das características de organização do conteúdo;• A análise das características da infra-estrutura textual como reconhecimento de <i>layout</i>, linguagem não verbal, etc;• A distinção entre organização de conteúdo em textos de gêneros diferentes e/ou em textos do mesmo gênero;• A identificação das características do texto que podem fazer



	<p>o autor parecer mais distante ou mais próximo do leitor;</p> <ul style="list-style-type: none">• A leitura a partir de configurações gráficas (fotos, gráficos, títulos, formato do texto);
Tipos de discurso predominante	<ul style="list-style-type: none">• A leitura da implicação ou autonomia dos enunciadores/emissores do texto com relação ao ato de produção; a conjunção ou disjunção do texto aos parâmetros do mundo discursivo (relativos aos tipos de discurso: da ordem do EXPOR: discurso interativo e discurso teórico; da ordem do NARRAR: relato interativo e narração);• A percepção da escolha dos tipos de sequências: sequência narrativa, sequência descritiva, sequência argumentativa, sequência explicativa, sequência dialogal;
3. Análise do Plano Linguístico-discursivo	
Textualização	<ul style="list-style-type: none">• As operações de conexão e de segmentação (a articulação entre as partes, os segmentos de discurso; a separação, as ligações ou a integração entre os enunciados, os períodos e as frases);• A utilização das operações de coesão nominal (referenciação, sequenciação ou conexão) e verbal (a utilização de repetições de uma unidade-fonte do texto através de sintagmas nominais ou pronomes);• As operações de construção dos enunciados, envolvendo conceitos de oração e período que podem interferir em nossa memória discursiva.• As escolhas lexicais – pensar a maneira como essas escolhas afetam o modo de organização dos itens lexicais na memória dos locutores.• As operações que contribuem para a coerência de um texto (organizadores, por exemplo);• O domínio das operações que contribuem para a coesão nominal de um texto (anáforas, por exemplo);• O domínio das operações que contribuem para a coesão



	verbal de um texto (tempo verbal, por exemplo);
Mecanismos enunciativos:	<ul style="list-style-type: none">• A relação entre as diferentes vozes: a voz do autor, dos personagens de uma história, vozes de outros personagens, etc.;• Os comentários ou avaliações produzidas pelo autor ou por personagens citados no texto, podendo ter o valor de verdade, exprimir obrigação, apreciação, etc.• A percepção das (diferentes) vozes que constroem um texto; o entendimento do uso dos modalizadores, e a identificação da modalização (ou não) em um texto;

1.3 Texto Literário

A literatura, Segundo Cândido (1972), é vista como arte que transforma/humaniza o homem e a sociedade. Para esse autor ela tem três funções: a psicológica, a formadora e a social.

A função psicológica permite ao homem uma fuga da realidade, propiciando um mergulho no mundo da fantasia, possibilitando momentos de reflexão, identificação e catarse. Já a função formadora atua como instrumento de educação, que pode retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante. E, por fim, a função social é a forma como a literatura retrata os diversos segmentos da sociedade, sua representação social e humana.

O conto tem função literária, isto é, nele o autor brinca com a linguagem, podendo transgredir, inventando palavras e personagens. A trama dominante é a narrativa, mas vale-se, ainda, de outros segmentos como a descrição, para apresentar personagens e lugares. Os diálogos aparecem, principalmente, nos contos dirigidos a criança, e são os segmentos que dão grande realismo à trama, envolvendo mais facilmente o leitor.

Nos segmentos narrativos o narrador é a voz que conta a história, é a instância formal que assume e gerencia os acontecimentos, não pode ser confundida com o autor, pois a princípio o narrador se constitui como sendo uma criação do autor. Essa voz pode ser de uma personagem ou testemunha narrado na primeira pessoa ou de uma terceira pessoa que não intervém na narrativa, podendo adotar diferentes pontos de vista.



Para se trabalhar com a literatura e o texto literário, as DCE “propõem que o ensino de literatura seja pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito...” (PARANÁ, 2008 p.58). Segundo esse documento, tais teorias contribuem para formar um leitor “capaz de sentir e de expressar o que sentiu”, isto acontecerá por meio da interação que está presente na prática de leitura. Trata-se da relação entre o leitor e a obra e nela a representação de mundo do autor que se confronta com a representação de mundo do leitor, no ato ao mesmo tempo solitário e dialógico da leitura.



UNIDADE 2

2. O GÊNERO CONTO

2.1 Aspectos históricos e estruturais

Os contos são gêneros textuais da esfera literária com os quais, quase todos, têm contato logo nos primeiros anos de vida. De acordo com Reis (1987), calcula-se que o costume de ouvir e de contar histórias venha acompanhando a humanidade em sua trajetória no espaço e no tempo. Não se sabe, ao certo, em que momento o primeiro grupo humano se sentou ao redor da fogueira para ouvir as narrativas fantásticas ou didáticas, capazes de seduzir e prender a atenção dos presentes.

Então, o que se pode garantir é que todos os povos, de todos os tempos, cultivaram seus contos. Contos anônimos, mantidos pela tradição oral, por um longo período, sustentaram valores e costumes e ajudaram a explicar a história. O procedimento de transcrição e narração de contos foi amplamente seguido e repetido por muitos autores e, aos poucos, novas modalidades de contos passaram a existir, diferenciando-se dos contos infantis e dos contos populares, atualmente conduzidos por uma nova maneira de narrar, que se adéqua à época, aos movimentos artísticos e ao estilo individual do autor/narrador.

Reis (1987), no volume “O que é conto”, da coleção *Primeiros Passos*, insere seu leitor na discussão das várias modalidades de conto, começando por distinguir: “o conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações”, (p.10). A partir destas formas o conto foi adquirindo outras, surgindo assim, outros subgêneros de contos como os de humor, os fantásticos, os contos de mistério e terror, os eróticos, os realistas, os psicológicos, os sombrios, os contos cômicos, os contos religiosos e muitos outros, estruturados de acordo com as técnicas da narrativa empregadas.

As características mais visíveis do conto são a concisão e a brevidade, ou seja, normalmente são estruturados com uma linguagem densa, com economia de palavras. O conto clássico se estrutura numa cadeia de acontecimentos que centralizam o poder de atração, apresentando: ação, personagens, diálogos.



Caracteriza-se como narração de um episódio, uma única ação, com começo, meio e fim, concentrado num mesmo espaço físico, num tempo reduzido. Destaca-se por sua unidade de tempo e de ação.

O conto moderno, figura da nova narrativa que se instalou nas últimas décadas, troca a estrutura clássica pela construção de um texto curto, com o objetivo de dirigir o leitor “para além do dito”, para a descoberta de um sentido não explícito. A ação se torna ainda mais breve, surgem monólogos, a exploração de um tempo interior, psicológico, a linguagem pode, muitas vezes chocar pela rudeza, pela denúncia do que não se quer ver.

2.2 Apresentando o gênero conto no Brasil

A História registra que a responsável pela popularização do gênero foi a imprensa, pois, com o surgimento da prensa manual de Gutenberg, no século XVIII, valorizou-se muito a escrita, especificamente os jornais, onde os contos eram publicados. No Brasil, foi somente no século seguinte, que vários jornais (entre 1827-1837) começaram a publicar as traduções de contos franceses e ingleses e também originais de escritores nacionais.

O primeiro marco do gênero conto, no Brasil, foi a publicação do conto *A noite na taverna*, em 1855, de Álvares de Azevedo. De prosa romântica, este conto pode ser considerado tanto uma novela de sete episódios, quanto uma coletânea de sete contos.

Depois, foi a obra de Machado de Assis, que melhor prestigiou este gênero. Alguns críticos afirmam que este foi o gênero onde ele melhor se saiu. Seu primeiro livro de contos chama-se *Contos Fluminenses*, publicado em 1870. E, posteriormente, foi com Monteiro Lobato que o conto teve outra vez forte expressão, no livro de contos *Urupês*, publicado em 1918.

Nos anos 40 surgiram as obras dos escritores, Guimarães Rosa, que publicou *Sagarana* em 1946; e Murilo Rubião, que publicou *O Ex-Mágico*, em 1947. Contudo, foi na década de 50 que a produção de contos foi intensificada, é nesse período que acontece o chamado “boom”, a grande explosão do gênero conto no Brasil. Nas décadas de 60 e 70 este gênero teve grandes publicações, com destaque para os seguintes autores: Luiz Vilela, Moacyr Scliar, Samuel



Rawet, Bernardo Élis, Rubem Fonseca, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan entre outros.

Hoje, existem varias divisões e muitas tipologias que classificam as produções deste gênero, pois os autores não se restringem a produzir apenas um tipo de conto e podem-se apresentar as seguintes tipologias para eles:

- **Conto rural** - onde a ação dramática é apresentada no espaço rural ou sobre ele se volta reflexivamente;
- **Conto alegórico** - tem dois elementos comuns: a alegoria e a ironia;
- **Conto psicológico** - centrado no discurso das personagens;
- **Conto de atmosfera** – estruturado, em torno de personagens e sua psicologia (apresenta um clima/ atmosfera marcante);
- **Conto de costumes** - representação quase documental da realidade;
- **Conto sócio-documental** - preocupação em ser ou dar a palavra das classes mantidas à força na subalternidade da estrutura social (trabalha com temas polêmicos).

Nota-se que através da sedução do jogo verbal, o conto assume extraordinária variedade. Pode ser ainda, documento folclórico, quase-crônica da vida urbana, quase-drama do cotidiano burguês, quase-poema do imaginário às soltas, ou simplesmente a escrita brilhante, voltada ao trabalho com a linguagem.

2.3 O Conto em Machado de Assis

Machado de Assis, nascido em 1839, foi cronista, romancista, teatrólogo e poeta, dedicou-se à literatura brasileira desde jovem, tornando-se o mais importante contista brasileiro devido às suas características marcantes e únicas de suas obras.

Estas se dividem em duas fases, uma romântica e outra realista, na qual o autor desenvolveu seu estilo inconfundível. Adotou atitudes sarcásticas, irreverentes e desafiadoras, pois, seus textos refletiam sua opinião sobre determinados aspectos sociais, políticos ou econômicos de sua época. Condenou os vícios da sociedade como a burguesia, denunciou as armadilhas do egoísmo, da violência debruçando-se sobre a realidade de sua época, a qual retratava em seus contos.



No texto “Murmúrios no espelho”, análise que apresenta os Contos de Machado de Assis, Aguiar (1975) relata que, em seus contos, Machado revela um profundo sentido da flutuação dos valores éticos, neles há predominância de valores gastos e hipócritas, acomodação do homem a interesses falsos, registram-se as perdas morais, a decadência física, a presença da morte e até a proximidade com a loucura.

Nos contos machadianos, segundo Aguiar, revela-se uma sociedade habitada por seres solitários capazes de alcançar tão somente uma felicidade mesquinha. A vida desenrola-se como alguma coisa que escapa ao controle dos personagens, alheia a suas vontades. A sociedade de convenções a todos esmaga e a eles impõe vidas inautênticas, vazias.

Para esse autor, Machado de Assis é um contador de casos que se distancia, numa postura literária de observador, e revela uma visão abrangente da sociedade do Segundo Império e da Primeira República, fazendo do leitor uma presença constante em suas narrativas. É como se a ironia, que lança em seus períodos curtos e marcantes, fosse resultante do distanciamento procurado para a observação e devesse ser partilhada com o leitor, com o qual divide observações e do qual cobra o mesmo não-envolvimento.

2.4 Caracterização do gênero escolhido

Nos contos realistas de Machado de Assis, estão presentes as características da estética Realista/ Naturalista, tais como: o condicionamento do homem ao meio social, a lei do mais forte, a crítica a burguesia, análise de caráter, a descrição e análise dos hábitos sócio-culturais da sociedade, com observações da natureza humana, apresentada em seus vícios e limitações permanentes. Entretanto, esses temas foram revestidos de humor reflexivo, de ironia fina.

Segundo Bronckart (2007), o conto pertence aos gêneros que se agrupam na **ordem do NARRAR**, o tipo de discurso usado é o da narração, ancorados em um mundo não real, de caráter disjunto (longe do mundo real) e autônomo do mundo discursivo do agente-produtor e dos agentes leitores. Constituem-se predominantemente, pelo discurso da narração (dominante), mas podem apresentar discurso encaixado do relato interativo, que aparece como discurso



secundário. O caráter disjunto autônomo do mundo discursivo construído marca-se pelo emprego das seguintes formas:

- Exploração dos tempos verbais, compostos por dois tempos nitidamente dominantes, o pretérito perfeito e o imperfeito - os tempos da narrativa – os demais tempos verbais marcam uma projeção ou retroação entre o curso da atividade narrativa e o curso da diegese.
- A presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos) que marcam a origem espaço-temporal, explícita ou não e dos marcadores/organizadores temporais.
- Quando faz uso do relato interativo, nota-se a presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal. Porém, quando o discurso da narração é posto em evidência, percebe-se ausência de pronomes e adjetivos, que remetem diretamente ao agente produtor do um texto ou a seus destinatários.
- Caracteriza-se também pela presença dominante de anáforas pronominais e anáforas nominais (estas se apresentam na forma de uma retomada do sintagma antecedente, com substituição do léxico).

Na composição de textos do gênero conto, apresentam-se sequências narrativas, mas é possível combinar sequências descritivas e dialogias, que são consideradas secundárias. A sequência narrativa caracteriza-se sempre pela intriga dos acontecimentos e/ ou das ações evocadas, e os dispõe de modo a criar uma tensão, para depois resolvê-la. É composta por uma situação inicial, uma complicação, um conjunto de ações, a resolução e uma situação final.

As sequências descritivas são agenciadas pelo agente-produtor, e empregadas para estabelecer o efeito que este deseja produzir em seus destinatários: fazer ver em detalhes, colocar os elementos necessários à progressão do tema e guiar o olhar do destinatário através dos organizadores temporais e espaciais. Quando inseridas em sequências narrativas tem por objetivo situar ou fazer compreender melhor os elementos que estão postos na narração, definindo-os ou estabelecendo comparações entre eles.



As sequências dialogais aparecem em função da interação entre as personagens postas em cena ou quando o agente-produtor atribui a estes a voz no interior de um discurso principal.

Na estrutura dos contos, a coerência existe, sobretudo, em função da organização temporal, isto é, do modo como se marca o tempo dos acontecimentos narrados. Mas esta organização está sujeita às especificidades do gênero. Por exemplo, em um conto realista, os elementos coesivos acionados para garantir a unidade de sentido são distintos daqueles mobilizados para a construção de um conto de fada: a introdução da narrativa, a seleção dos fatos a serem narrados, o foco nos elementos de cenários e na caracterização da ação das personagens (seus gestos, suas feições, seu modo de ser e agir) são elementos que precisam estar adequados à finalidade do texto, ao efeito de sentido que se quer promover e a estética literária a qual o autor se inscreve.

2.5 Modelo Didático para o gênero Conto

1. Análise do Contexto de Produção	
Contexto físico de produção	<ul style="list-style-type: none">• O lugar de produção (contexto físico imediato);• O momento de produção (contexto histórico imediato);• Locutor/autor/ emissor;• Interlocutor/destinatário;
Contexto sócio-subjetivo de produção	<ul style="list-style-type: none">• O lugar social da interação (escola, família, palanque, igreja)• O lugar histórico da interação (contexto mais amplo);• A posição social do locutor (pai, prof, jornalista, aluno);• A posição social do receptor (prof, aluno, médico);• Objetivo (efeito que o locutor deseja produzir sobre o destinatário);• O conteúdo temático;• O suporte de circulação;
2. Análise do Plano discursivo	
	<p>- Estratégias de organização do conteúdo:</p> <ul style="list-style-type: none">• ordenação temporal linear;• ordenação temporal com retrospecto (flash-back);



<p>Plano textual global (organização geral do texto)</p>	<ul style="list-style-type: none">• ordenação temporal com prospecção- Fases ou etapas:• Fase da situação inicial ou apresentação — Etapa em que o narrador faz a ambientação da história em seu estado inicial de equilíbrio, localizando-a no tempo (quando?) e no espaço (onde?) e identificando personagens (quem?)• Fase da complicação — Momento em que se rompe o equilíbrio inicial da ação, passando o protagonista a vivenciar um problema ou um conflito, que pode trazer-lhe conseqüências desastrosas ou positivas.• Fase das ações — Momento de maior tensão da narrativa, quando o antagonismo gerado pelo problema ou conflito chega a seu ponto máximo.• Fase da resolução — Resolução do conflito ou repouso da ação. Pode ser feliz, trágico, cômico, surpreendente, etc. Pode apresentar uma avaliação do narrador, que orientará a interpretação da história narrada• Fase de situação final — que explicita o novo estado de equilíbrio obtido por essa resolução ou repouso da ação. Pode ser feliz, trágico, cômico, surpreendente, etc. Pode apresentar uma avaliação do narrador a respeito da história e/ou também uma moral, que orientará a interpretação da história narrada.
<p>Tipos de discursos e sequencias predominante</p>	<ul style="list-style-type: none">• Nos gêneros que se agrupam na ordem do NARRAR, há predominância do discurso da narração, ancorado em um mundo não real, de caráter disjunto (longe do mundo real) e autônomo do mundo discursivo do agente-produtor e dos agentes leitores. Além disso, podem apresentar discurso encaixado do relato interativo, que aparece como discurso secundário.• Na composição de textos do gênero conto, apresentam-se sequências narrativas, mas é possível combinar sequências descritivas e dialogais, que são consideradas secundárias.



3. Análise do Plano Linguístico-discursivo

Textualização	<p>Elementos estruturais:</p> <ul style="list-style-type: none">• narrador e foco narrativo: narrador onisciente, narrador testemunha, narrador protagonista, outros;• personagens; • tempo; • espaço; • ação (intriga e enredo). <p>Coesão verbal:</p> <ul style="list-style-type: none">• valores dos pretéritos perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e do futuro do pretérito do indicativo. <p>Coesão nominal:</p> <ul style="list-style-type: none">• estratégias de introdução temática,• estratégias de manutenção e retomada temática. <p>Conexão textual:</p> <ul style="list-style-type: none">• marcas linguísticas e gráficas da articulação do discurso narrativo com outros discursos e sequências do texto;• Marcadores textuais de progressão temática: articulações hierárquicas, temporais e/ou lógicas entre as fases ou etapas do discurso e entre os enunciados de uma fase.
Mecanismos enunciativos:	<p>Estudo dos elementos do discurso:</p> <ul style="list-style-type: none">• direto;• indireto;• indireto livre;• fluxos de consciência.



UNIDADE 3

3. Atividades

3.1. Módulo I – Circuito de Leitura de Contos

3.1.1. Atividade 1- Seduzindo leitores

Professor

Faça uma breve introdução sobre o porquê da escolha do gênero Conto, mencionando que esse pertence à esfera literária e que as narrativas são de grande importância na formação do leitor literário. Em seguida, apresente os objetivos da unidade e os passos a serem seguidos, firmando um compromisso/contrato de participação entre os membros do grupo.

Para esta atividade selecione vários livros de contos da biblioteca para que os estudantes possam escolher os livros ou contos que irão ler.

Deixe-os a vontade para uma leitura individual. Nesta etapa, os estudantes, podem trocar os livros entre si, ou devolvê-los no lugar, podendo ou não, tecer comentários a respeito da leitura.

Após a leitura, distribua a ficha sugerida para que os estudantes a preencham.



Dica: Sente-se e leia os livros também, demonstre que você é um leitor apaixonado, fazendo comentários sobre o que leu.

FICHA DE LEITURA 1

ALUNO (a):

DATA:

CONTOS LIDOS

AUTOR

Como você avalia esta atividade

() Ótimo

() Bom

() Regular

() Ruim

De qual conto você mais gostou? Por quê?



3.1.2. Atividade 2 - Seduzindo leitores na Internet

Professor

Esta atividade será desenvolvida no laboratório de informática, com previsão para duas aulas e tem como objetivo colocar os estudantes em contato com a leitura de contos on-line. Eles buscarão sites previamente consultados e listados pelo professor e farão a leitura dos contos encontrados. Com essa atividade os estudantes entrarão em contato com outros subgêneros do gênero em estudo.

Sites indicados:

<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond37.htm>

<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/contos.html>

http://www.sitedoescritor.com.br/sitedoescritor_conto.html

<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/s/sergio20.htm>

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>

<http://www.contosgrotescos.com.br/principal/index.php?acao=contos>

<http://www.molwick.com/pt/contos/index.html>

http://www.ficcoes.org/biblioteca_conto/index.htm

<http://almanaque.folha.uol.com.br/contosindex.html>

FICHA DE LEITURA 2

ALUNO (a):	
DATA:	
CONTOS LIDOS	AUTOR
Como você avalia esta atividade () Ótimo () Bom () Regular () Ruim	De qual subgênero de conto você mais gostou? Por quê?



3.2 Módulo II – Apresentação do contexto sócio-histórico do autor



Professor

Nesta atividade você apresentará aos seus estudantes o autor escolhido, questione-os com o intuito de saber se esses já conhecem o autor e sua obra.

Para conhecer o autor será apresentada uma atividade com a Música que Martinho da Vila compôs em homenagem ao centenário da morte do autor, comemorado em 2008. Para essa atividade os seguintes passos devem ser seguidos:

Grave a música no *pendrive* para ouvir na TV multimídia, ela está disponível no site: <http://vagalume.uol.com.br/martinho-da-vila/machado-de-assis.html>

Ouçã a música composta e cantada por Martinho da Vila em homenagem (ao centenário de falecimento) de Machado de Assis (1839/1908), comemorado em 2008. Estilo: Samba; Álbum: 20 anos de samba

I	III
<input type="checkbox"/> Seu nome jamais cairá no esquecimento <input type="checkbox"/> A sua lembrança nos comove <input type="checkbox"/> Um grande escritor do meu país <input type="checkbox"/> Joaquim Maria Machado de Assis <input type="checkbox"/> A sua lembrança nos comove <input type="checkbox"/> Está sendo homenageado <input type="checkbox"/> Romancista consagrado <input type="checkbox"/> Lá no morro do Livramento <input type="checkbox"/> nascido em 1839 Lara lara lara laia...	<input type="checkbox"/> Depois ocupou a presidência <input type="checkbox"/> Da academia de letra <input type="checkbox"/> tendo demonstrado grande competência <input type="checkbox"/> De Dom casmurro foi autor <input type="checkbox"/> Foi sócio fundador <input type="checkbox"/> Quincas Bordas, Esaú e Jacó <input type="checkbox"/> Suas obras lhe deram <input type="checkbox"/> Ele foi o literato-mor <input type="checkbox"/> Foi sempre uma figura impoluta <input type="checkbox"/> reputação <input type="checkbox"/> A Mão e a Luva <input type="checkbox"/> Inspiração absoluta <input type="checkbox"/> A Ressurreição <input type="checkbox"/> Escrevia com singeleza e graça <input type="checkbox"/> De caráter sem jaça. <input type="checkbox"/> Ele tinha
II	
<input type="checkbox"/> O nome da literatura brasileira <input type="checkbox"/> O filho de uma humilde lavadeira <input type="checkbox"/> Já faz tantos anos faleceu <input type="checkbox"/> Que no cenário das letras escreveu	

Disponível em: <http://vagalume.uol.com.br/martinho-da-vila/machado-de-assis.html> , acessado em 20/04/2010.



3.2.2. Atividade 2 – Vídeo

Agora, depois de ouvir a música, assista ao vídeo com a música e as imagens do autor, sua casa, sua cidade. Lembre-se de observar também sua temática e as influências recebidas, que estão presentes na “Biografia musical de Machado de Assis”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kX8NCRXeOQg>, acessado em 25/03/210.

3.2.3 Atividade 3 - Trabalhando com o vídeo

Os escritores recebem influências de outras personalidades que podem ou não ser contemporâneos a sua época. Considerando essa informação relacione as características apresentadas por Machado de Assis às personalidades que influenciaram-no e que ele criticou.

- (1) Pessimismo; apresentava uma visão pessimista da vida.
- (2) Sátira, usada para criticar as correntes científicas, os costumes e a sociedade de sua época.
- (3) Teoria da evolução das espécies. Na obra Quincas Borba, aplicou o princípio deste cientista que descreve a seleção natural das espécies: “só os mais fortes sobrevivem”.
- (4) Teoria da resignificação retroativa, ironizada no romance Dom Casmurro, quando a personagem Bentinho procura atar as duas pontas da vida e retornar da velhice a adolescência.
- (5) Crítica ao Naturalismo.
- () Sigmundo Freud, Médico neurologista, fundador da psicanálise, apresentou ao mundo o inconsciente e explorou a mente humana, ficou conhecido como o pai da psicanálise.
- () Emile Zola fundador e representante do movimento literário naturalista. Inspirado na filosofia positivista e na medicina partia da convicção de que a conduta humana é determinada pela herança genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente.
- () Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista.
- () Luciano de Samosata, autor grego, do fim da Antigüidade, tendo vivido no século II d.C. Escreveu em torno de 80 obras, a maioria de caráter satírico.
- () Charles Darwin foi um notável cientista do Séc. XIX autor da teoria da evolução das espécies através da seleção natural das espécies.



3.2.4. Atividade 4 – Contexto sócio-histórico do Realismo



Professor

A atividade seguinte tem por objetivo contextualizar o período histórico e literário em que o escritor viveu, enfatizando as características e os acontecimentos históricos mais relevantes deste período.

O vídeo que apresenta o contexto histórico do realismo, e a Revolução Industrial, encontra-se disponível no site:

<http://www.youtube.com/watch?v=wx4TWiaqfdM>, e foi acessado no dia 12/04/2010 (duração: 8min: 30s).

Para ampliar suas informações sobre o contexto sócio-histórico brasileiro, entender a diferença entre o momento histórico brasileiro e o contexto literário do Realismo **leia o texto** abaixo e responda as questões:



Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil

No livro *Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil*, Pochmann (2010), afirma que a perspectiva histórica de desenvolvimento das sociedades agrárias, na Europa, apresentou sua fase mais desenvolvidas nos séculos 16 e 17, época da formação da colônia portuguesa no Brasil. E o desenvolvimento urbano-industrial se deu a partir do século 18, com a industrialização inglesa. Foi neste período que o mundo começou a transitar para o padrão de desenvolvimento urbano-industrial.

“A despeito da colonização portuguesa no Brasil ter se dado justamente durante a fase mais avançada do agrarismo no mundo, a transição para a sociedade urbano-industrial somente se tornou mais efetiva 430 anos após a data do descobrimento (1500). Com isso, o padrão do desenvolvimento agrário durou mais de quatro séculos no Brasil, quase duzentos anos adicionais às primeiras experiências de constituição do padrão de desenvolvimento urbano-industrial no contexto do capitalismo mundial.” (p.17)

Essa longa duração da sociedade agrária no Brasil, mais de 430 anos estendidos durante os regimes colonial (1500-1822), Imperial (1822-1889), e da



República Velha (1889-1930), definiu algumas especificidades que caracterizaram a transição para a sociedade urbano-industrial.

POCHMANN, M. *Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil*. São Paulo: CORTEZ, 2010.

- 1) Compare as informações do texto acima com as do vídeo sobre o **contexto histórico do Realismo** que apresenta as informações sobre a Revolução Industrial. O que você pode notar?

- 2) Observe os quadros abaixo e estabeleça comparações:

<p>A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX.</p> <p>Ao longo do processo, <u>a era agrícola foi superada, a máquina foi substituindo o trabalho humano</u>, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs, novas relações entre nações se estabeleceram e surgiu o fenômeno da cultura de massa, entre outros eventos.</p>	<p>Na América Latina, diversos países, como Argentina, México e Brasil, <u>iniciaram o processo de industrialização efetiva a partir da segunda metade do século XX</u>, no entanto, o embrião desse processo no Brasil ocorreu ainda nas primeiras décadas de 30, momentos depois da crise de 29.</p> <p>Crise essa que ocasionou a falência de muitos produtores de café, com isso, a produção cafeeira entrou em declínio. Quando se fala em industrialização do Brasil é bom ressaltar que tal processo não ocorreu em nível nacional, uma vez que a primeira região a se desenvolver industrialmente foi o sudeste.</p>
--	---

http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial

- a) O processo de industrialização no Brasil foi simultâneo ao que ocorreu na Europa? _____



b) Que contexto histórico vivia o Brasil, no momento em que acontecia o período do Realismo?

3.2.5. Atividade 5 – Ampliando conhecimentos sobre a temática do autor



Professor

Para finalizar esta etapa, os estudantes assistirão uma série de três vídeos sobre Machado de Assis. Os vídeos foram produzidos pela TV-PUC para escola e trazem comentários de Alfredo Bosi (Professor de Literatura Brasileira da USP), Roberto Schwarz (ensaísta e crítico literário), José Miguel Wisnik (Prof. de literatura da USP) e Sidnei Schalhoub (Prof. de história da Unicamp).



Os vídeos que você assistirá agora, compõem uma série produzida pela TV-PUC para escola e abordam, de forma aprofundada, a vida, obra e temática do autor, com imagens do Rio de Janeiro do século IXX, bem como trazem comentários de alguns profissionais da educação.

- Machado de Assis: Um Mestre na Periferia I. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hln2xUIUs0Y>, acessado em 25/03/2010. (Duração: 8min: 20s)
- Machado de Assis: Um Mestre na Periferia II. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yxqqYaB86hY>, acessado em 25/03/2010. (Duração: 9min:33s)
- Machado de Assis: Um Mestre na Periferia III. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oD3f2Pw2LcU>, acessado em 25/03/2010. (Duração: 6min:50s)



3.2.6. Atividade 6 – Ficha Biográfica do autor

Ao assistir aos vídeos, você obteve várias informações sobre o autor em questão. A partir delas, preencha a ficha biográfica que segue. Caso você não consiga preencher todos os dados, que tal buscá-los na Internet ou em outras fontes?

Ficha Biográfica de Machado de Assis

Nome completo do autor:	
Data de nascimento:	
Data de falecimento:	
Local onde nasceu:	
Local onde faleceu:	
Movimento(s) literário(s) a que pertenceu:	
Algumas de suas obras: _____ _____ _____	
Influências recebidas: _____ _____ _____	
Cite algumas das características do movimento literário a que ele pertenceu presentes em suas obras: _____ _____ _____	

3.2.7. Atividade 7 – Ouvindo contos



Professor

Agora seus alunos ouvirão a narração do conto, “A Carteira”, que será analisado nos próximos módulos. Esta narração está disponível no site:

<http://www.youtube.com/watch?v=RrgOUf3qQE0>, acessado em 25/03/2010.



3.3. Módulo III – Leitura e análise do conto escolhido



3.3.1. Atividade 1 – Leitura

A Carteira

Texto-fonte:

Obra Completa, de Machado de Assis, vol. II,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

Publicado originalmente em *A Estação*, De 15/3/1884.

... De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela, perdia-a de uma vez.
- É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para Avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de Lojas e Armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo crescer, e os bailes a darem-se, os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

- Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C. ..., advogado e familiar da casa.

- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perderá ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma coisa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada, ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de



prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro, e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

- Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro anos; era o princípio da carreira; todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora, e, a rigor, o Credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, - enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir uma carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e era esta a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida? Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la, mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a Cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele um que tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo,



quase às escondidas, abriu-a, e ficou Trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro, não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil-réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era uma dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga uma dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, Tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a com vontade, de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, uma boa sorte sua, um anjo ... Honório teve pena de não crer nos anjos ... Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

"Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro", ele pensou.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira? ... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dois cartões, mais três, mais cinco. Não havia duvidar; era dele.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu uma última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dois empurrões, mas ele resistiu.

"Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer".

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

- Nada.
- Nada?
- Por quê?
- Mete a mão no bolso, não te falta nada?
- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou?



- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde um achara, deu-lhe as explicações precisas.

- Mas conheceste-a?

- Não, achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de *toilette* para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/contos/macn101.htm>
[acessado em 24/03/2010](#)



3.3.2 Atividade 2 – Reconhecendo o contexto de produção

O texto que você leu é um conto, gênero textual da esfera literária, da ordem do narrar. Apresenta-se com ações reduzidas ao essencial, com uma única célula dramática, poucas personagens, cenário limitado e espaço restrito. Ao responder às questões que seguem você aprofundará seu conhecimento a respeito do **contexto de produção** do conto lido. Procure fazer essa atividade com bastante atenção.

1. Quem é o autor concreto do texto?
2. Quando ele foi escrito?
3. A quem esse texto é dirigido?
4. Em que suporte o texto originalmente circulou e foi veiculado?
5. Qual seria o perfil do leitor previsto para o texto?
6. No contexto atual, onde um texto como esse pode ser encontrado?
7. Com que finalidade ele foi produzido? E hoje, com qual finalidade ele é utilizado?
8. Qual o assunto(s)/tema(s)/conflito(s) abordado(s) no conto?



3.3.3. Atividade 3 – Analisando o conteúdo temático

Estudaremos a seguir o conteúdo temático do texto, ele fornece dados importantes para descobrir sobre qual(ais) assunto(s) o texto trata. Respondam, em pares, as questões abaixo:

1. Em que momentos do texto podemos perceber as condições econômicas e sociais da década de 1880, para as pessoas representadas no conto?

2. Que passagens do conto lido evidenciam a condição burguesa, da personagem?

3. Sabe-se que o momento histórico, no qual foi produzido o conto, alguns valores eram cultivados. Quais valores eram defendidos na sociedade burguesa daquela época?

4. Qual o conflito principal vivido pela personagem? Esse conflito identifica a personagem com qual temática Realista desenvolvida pelo autor?

5. Você identifica a(s) temática(s) apresentada(s) neste conto com quais características do movimento literário do Realismo, estudadas no vídeo sobre o contexto histórico do realismo?

6. Como você caracteriza a linguagem usada pelo autor?



7. Você acredita que os temas abordados no conto ainda são atuais? Que efeito eles produziram em você como leitor (a)?

3.3.4. Atividade 4 – Analisando o enredo

O enredo, trama, ou intriga, pode-se dizer que é o esqueleto da narrativa, aquilo que dá sustentação à história, ou seja, é o desenrolar dos acontecimentos. Geralmente, o enredo está centrado num conflito, responsável pelo nível de tensão da narrativa; podemos ter um conflito entre o homem e o meio natural (como ocorre em alguns contos e romances modernistas), entre o homem e o meio social, até chegarmos a narrativas que colocam o homem contra si próprio (como ocorre em romances e contos introspectivos).

1. **No Realismo** (período literário no qual se inscreve o conto lido) os conflitos de caráter, a submissão do homem aos padrões impostos pela sociedade, e o julgamento feito pela sociedade do caráter humano eram temas recorrentes. O conflito vivido por Honório é:

- () travado entre ele e o meio natural em que vive;
() entre ele e o meio social;
() entre ele e sua consciência;

2. Copie trechos que comprovem sua escolha. _____

3. Resuma o enredo retratado nesse conto, produzindo um texto fale dos temas abordados e os conflitos presentes.



3.4. Módulo IV – Reconhecendo o discurso e as sequências discursivas



3.4.1 Atividade 1 – Tipos Discursivos

Nos estudos da linguagem, a palavra **discurso** é usada para designar toda **atividade de comunicação por meio da linguagem verbal, que se materializa em textos**. Mas o termo discurso pode ser usado com sentidos mais específicos. Expressões como discurso científico, discurso pedagógico, discurso jurídico, discurso político, por exemplo, fazem referência a textos com temas, estruturas, vocabulário e estilo usuais em determinados domínios de conhecimento e de atividades humanas. É possível dizer que os textos, que encontramos nas mais variadas esferas de circulação, se encaixam em duas ordens de discurso: os da **ordem do EXPOR** e os da **ordem do NARRAR**.

a) A seguir há dois textos constituídos por diferentes discursos. Leia-os e identifique-os de acordo com o discurso que apresentam:

- (1) Discurso da ordem do NARRAR
- (2) Discurso da ordem do EXPOR

() **Texto I - SOCIEDADE ALTERNATIVA**

É certo que, com a modernidade, na qual vivemos hoje, enfrentamos muitos problemas sociais como a miséria e a marginalidade, porém, o caminho para a solução não está em uma sociedade alternativa.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que a melhor maneira de se resolver os problemas não é fugir deles, mas é isso o que uma sociedade alternativa faz quando sai da sociedade para formar uma outra que seja livre de problemas.[...]

Sendo assim, podemos notar que o caminho para a solução dos problemas de nossa sociedade não está em uma sociedade alternativa, pelo fato de que não traz nenhuma solução e sim serve apenas de paliativo.

Autor: Estudante – Cursinho Pré-Vestibular



() **Texto II - MAIS UM ACERTO DE CONTAS**

[...] O primeiro massacre deu-se em um velho edifício do centro de Lima, em novembro de 1991. O grupo Colina, esquadrão da morte recém-organizado dentro do Serviço *Nacional* de Informações a serviço de Fujimori, recebeu a ordem de liquidar militantes senderistas ali reunidos, mas errou o andar e metralhou quinze participantes de uma *pollada* (churrasco de frango) para arrecadar fundos para reformar o prédio. Entre os mortos, um menino de 8 anos. Em julho de 1992, o mesmo grupo invadiu os dormitórios da Universidade La Cantuta, sequestrou nove estudantes e um professor, torturou-os, obrigou-os a cavar as próprias covas e executou-os com tiros na nuca.[...]

Carta Capital de 15 de abril de 2009, página 19:

- b) Você teve acesso a textos com diferentes discursos. Compare-os e aponte quais são as **características linguísticas** que os diferenciam.

Discurso narrativo	Discurso argumentativo



3.4.2. Atividade 2 – Sequência narrativa

No gênero conto, as sequências narrativas são compostas por uma situação inicial, uma complicação, um conjunto de ações, a resolução e uma situação final.

- a) Considerando o exposto, qual dos quadros abaixo apresenta o modo como esse conto foi organizado?

() Apresentação e () narração do achado () descrição do tempo
 descrição da que a personagem fez; e espaço onde se passa
 personagem; relato do apresentação da sua o conto; apresentação
 conflito vivido por ela; condição financeira; conflito da personagens e seu
 solução para o conflito; de consciência vivido; conflito; volta ao
 revelação de fatos equilíbrio com a
 surpreendentes; resolução do conflito;



b) O autor inicia o conto assim: **“...De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira”**. Ao fazer isso, o enunciador espera provocar alguns efeitos em sua narrativa. Leia os enunciados a seguir, marcando V para as alternativas que forem verdadeiras, e F para aquelas que forem falsas.

- () O autor utiliza-se das reticências para dar mais ênfase ao início do conto;
- () O narrador, ao iniciar o conto sem a apresentação da personagem obriga o leitor a conhecê-la, e demonstra que ela era uma pessoa íntima, de sua convivência;
- () Percebe-se que esta narrativa não segue uma linearidade, ficando evidente, que o leitor para compreender o início da história precisa ler o conto todo;
- () O uso das reticências (...) para iniciar uma narrativa é comum;
- () Neste conto o autor utiliza-se da estrutura tradicional da narrativa (início, meio e fim);
- () O autor utiliza-se das reticências para evidenciar que este não é o começo da história, mas sim um parágrafo que pode ser encaixado em outra sequência da narrativa;

Na **SEQUENCIA NARRATIVA**, a intriga, consiste na passagem de um equilíbrio a outro. A narrativa ideal começa por uma situação estável que será perturbada por alguma força, resultando num desequilíbrio. Assim, os contos podem iniciar-se com "uma ordem", em seguida, o conflito traz uma "desordem" e a solução desse conflito (favorável ou não) faz retornar à "ordem", desta vez com ganhos e perdas, portanto essa ordem difere da primeira.

c) O conto lido não segue a estrutura do modelo canônico do discurso narrativo ficcional: **A Superestrutura padrão**, composta pelas seguintes etapas:

Fase da situação inicial – Fase da complicação – Fase das ações
Fase da resolução – Fase de situação final.



Procure no conto lido, qual seria a estrutura proposta pelo agente produtor. Em seguida ordene as estruturas que o conto apresenta.

- () **Fase da situação inicial** (exposição ou orientação) — etapa em que o agente produtor faz a ambientação da história em seu estado inicial de equilíbrio, localizando-a no tempo (quando?) e no espaço (onde?) e identificando personagens (quem?).
- () **Fase de complicação** (de desencadeamento, de transformação) — momento em que se rompe o equilíbrio inicial da ação, passando o protagonista a vivenciar um problema ou um conflito, exatamente onde e introduz uma perturbação e cria uma tensão.
- () **Fase das ações** — momento que reúne os acontecimentos desencadeados por essa perturbação; fase de maior tensão da narrativa.
- () **Fase da resolução (de re-transformação ou desfecho)** — na qual se introduz acontecimentos que levam a uma redução efetiva da tensão.
- () **Fase de situação final** — que explicita o novo estado de equilíbrio obtido por essa resolução ou repouso da ação. Pode ser feliz, trágico, cômico, surpreendente, etc. Pode apresentar uma avaliação do narrador a respeito da história e/ou também uma moral, que orientará a interpretação da história narrada.

d) Agora, com base nas estruturas, indicadas no quadro abaixo, escrevam na coluna da direita, a frase inicial e a frase final de cada uma das **fases** apresentadas no conto.

Conto “A Carteira	
Fase de complicação	De Até
Fase da situação inicial	De Até
Fase das ações	De Até
Fase da resolução (desenlace ou desfecho).	De Até
Fase de situação final	De Até



- e) Observe os fragmentos apresentados abaixo, resumidos do conto lido, enumere-os, e veja qual seria a sequência linear do conto;
- () A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, e praticar um ato ilícito, doloroso ao seu coração porque o dinheiro era do amigo.
 - () Durante algum tempo Honório andou desorientado pelos bairros do rio de janeiro; e não sabia o que fazer
 - () Honório achou uma carteira no chão, apanhou-a, colocou-a no bolso, e foi andando.
 - () A desconfiança de Gustavo, foi para Honório como uma punhalada, entendeu que o amigo estivesse desconfiado por causa do dinheiro.
 - () Honório tem muitas dívidas, para um homem da sua posição, que advoga;
 - () A consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achou.
 - () Para agradar a esposa, que não sabia de sua condição financeira, começou a endividar-se.
 - () Na verdade, Gustavo estava preocupado com os bilhetinhos de amor, que eram de D. Amélia, que aflita os rasga em pedaços
 - () Finalmente, decidiu abrir a carteira e ficou Trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro...
 - () Estava com trinta e quatro anos; era o Princípio da Carreira;
 - () Eram cinco horas da tarde, e lembrou-se de ir um Ajiota, mas voltou sem ousar pedir nada;
 - () Ao enfiar-se pela Rua da Assembléia, para quitar a dívida é que viu a algo no chão;
 - () A carteira era sim de seu amigo o Gustavo C., advogado que freqüentava sua casa, sempre o questionava sobre sua vida;
 - () Depois de algum tempo, lutando com sua consciência, ele tratou procurou na carteira algum sinal de seu dono. Olhou nos bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo.
 - () Honório, precisa pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis,
 - () Chegando a casa, Honório encontrou ali o amigo Gustavo, um pouco preocupado, entregou-lhe a carteira e este o olhou desconfiado





3.4.3. Atividade 3 – Os tempos verbais e as sequências discursivas

O discurso narrativo consiste em arranjar as sequências de fatos na qual as personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa. **O segmento da narração** apresenta dois tempos de base o PRETÉRITO PERFEITO E O IMPERFEITO, que são dominantes em todos os parágrafos que apresentam esse tipo de discurso.

a) Com base no que está mencionado acima, copie do primeiro parágrafo os verbos que comprovam que este é um segmento narrativo.

b) Agora, Observe os parágrafos 2 e 3. Como eles foram construídos? Qual o nome dado a esse tipo de enunciado? _____

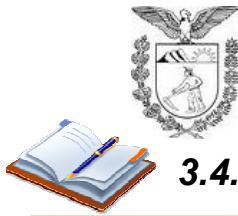
c) Retire os verbos dos parágrafos 2 e 3, e dê o tempo verbal expresso por eles.

d) Qual a diferença entre os tempos verbais das sequências dialogais e os tempos verbais da sequências narrativas do exercício A? Que efeito isso causa no leitor/texto? _____

e) No 4º parágrafo apresentam-se duas sequências diferenciadas, uma da ordem do EXPOR, e outra da ordem do NARRAR. No quadro abaixo separe os verbos que expressam a diferença entre essas sequências, citando a linha onde aparecem:

Ordem do expor	Ordem do narrar

f) Depois de observar esse quadro, com relação às sequências que indicam a ordem do expor e do narrar, a que conclusão você chega em relação ao emprego dos tempos verbais? _____



3.4.4. Atividade 4 – Sequências encaixadas na narração

Em um texto há diferentes combinações e articulações entre diferentes tipos de seqüenciais que podem ser: sequencia narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva.

1) **Sequência dialogal:** Ao produzir um texto, o autor tem a liberdade de escolher como reproduzirá as falas dos seus personagens, incluindo o narrador.

a) No conto é o locutor é quem gerencia e dá as muitas vozes que compõem a história que ele conta. Que recursos ele utiliza para fazer isso?

b) Quais são as personagens que tem voz neste conto? E quais não têm? Que efeito isso produz? _____

c) Em outras palavras: o agente produtor passa a palavra aos personagens ou introduz o discurso de outrem no seu próprio discurso, por meio de diferentes estratégias. Veja algumas delas no quadro abaixo:

Discurso direto Decorre do fato de o narrador ceder a palavra a outro(s) locutor(es), em geral uma personagem, desaparecendo momentaneamente de cena.

Ocorrem, então, dentro da narração, trechos de conversação, em que as personagens falam ou dialogam, expressando seus pensamentos e emoções em sua própria linguagem. É costume marcar o discurso direto com **verbos ou expressões dicendi** (dizer, perguntar, responder, interpelar, pensar, quis saber,,etc.) e com sinais de pontuação que assinalem a mudança de interlocução: dois pontos, travessão, aspas. O tempo verbal básico do discurso direto é o presente do indicativo (tempo do enunciado, da

— **Uma casa melhor é necessária**
— **disse** para a mulher. **E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.**

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— **Para que ter casa se podemos ter palácio?** — **perguntou.** Sem querer resposta imediatamente **ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.**



história, do locutor-personagem), e não o tempo do verbo dicendi (tempo em que o enunciado é tomado em relação à enunciação, ao narrador).

Discurso indireto O narrador traduz com suas próprias palavras o sentido da fala das personagens, usando **verbo dicendi** acompanhado de oração subordinada substantiva objetiva direta (verbo dicendi + que/se). O tempo e a pessoa do discurso indireto são os do verbo dicendi; a ação, história ou intriga surge distanciada da enunciação do narrador.

Discurso indireto livre A perspectiva do narrador se mistura à da personagem: ao mesmo tempo em que o narrador se faz presente através do tempo verbal e/ou da pessoa gramatical, deixa que a personagem se manifeste com sua emoção e linguagem características. É próprio para a captação dos fluxos de consciência (fala interna, pensamentos) das personagens.

COLASSANTI, Marina. Doze reis e a moça no labirinto do vento. Ilustração Ana Peluso. Global: Rio de Janeiro, 2000. A moça tecelã. (Fragmento)

— Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos — insinuou ela, discretamente.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida — o pessoal lá em casa pouco está me ligando —, teria horas amenas, em companhia de uma mulher que — reparava agora — era bem bonita.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa e prosa. Organizada pelo autor. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. Caso de secretária, p.1079-1080. (Fragmento)



d. Considerando o exposto, e sabendo que existem outras passagens no conto que usam as sequências dialogais, relacione os tipos de discurso aos fragmentos extraídos do conto.

- (1) **Direto: (discurso direto).**
- (2) **Indireto: (discurso indireto)**
- (3) **Indireto livre (discurso indireto livre)**
- (4) **Monólogo interior (ou fluxo de consciência) é o que se passa "dentro" do mundo psíquico da personagem; "falando" consigo mesma;**





- () “Tu vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.” (L 17,18)
- () “Restituí-lo a quem? (L.75)
- () “Olha, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.” (L. 4)
- () “Quando Gustavo ia todas as todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três ou quatro;...” (L. 26-27)
- () “Nada, nada.” (L.33)
- () “... Mas então, a carteira?.” (L.80)
- () “ Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro”,... (L.76,77)
- () “Agora vou, mentiu o Honório”. (L.19)
- () “Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer”.(L.89)4
- () “Um dia, uma mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era”.(L. 31)2
- () “Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes.” (L. 65)3

2. **A sequência descritiva** também pode ser encontrada nesse gênero, pois ela tem a função de guiar o olhar do leitor em relação a algum detalhe que o autor queira enfatizar, ou fazer notar.

a) Nas sequências descritivas, transcritas abaixo, procure perceber quais detalhes do conteúdo temático, temas, aspectos e comparações o autor quer demonstrar a você leitor.

- “Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de Lojas e Armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo crescer, e os bailes a darem-se, os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.”



- “Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo.”
-
-



3.4.5. Atividade 5 – Autor e narrador

O narrador é a instância formal que assume e gerencia a atividade narrativa, porém ele é uma criação do autor, e não se pode confundi-los. Ele pode permanecer externo as ações postas em cena na narração e neste caso, pode ser verbalizado por nomes próprios e/ou por pronomes de terceira pessoa, ou, pode incluir-se nas ações por meio de pronomes de primeira pessoa, e confundir-se com um personagem, mas não tem relação com o autor empírico.

Foco narrativo é a posição tomada pelo narrador ao contar a história, elemento importantíssimo na narrativa. No conto em estudo o foco narrativo é:

- () Primeira pessoa: Personagem principal conta sua história; se for esse caso o narrador limita-se a saber de si próprio, fala de sua própria vivência.
- () Terceira pessoa: O texto é narrado em 3ª pessoa e relata os acontecimentos que envolvem outros personagens.

OBS: caso você assinalar a segunda alternativa verifique ainda, se o narrador é:

- () **Narrador observador**, que se limita a descrever o que está acontecendo, "falando" do exterior, não colocando o leitor dentro da cabeça da personagem; assim não se sabem suas emoções, idéias, pensamentos.
- () **Narrador onisciente**, aquele que conta a história e tudo sabe sobre a vida das personagens, sobre seus destinos, idéias, pensamentos, como se narrasse de dentro da cabeça delas. É onisciente ou onipresente, uma espécie de testemunha invisível de tudo o que acontece, está em todos os lugares e em todos os momentos, preocupa em dizer o que as personagens fazem ou falam, e também em traduzir o que pensam e sentem.



2. Em certas passagens do conto o agente-produtor (autor), narra as ações da personagem de maneira muito peculiar. Confira as passagens transcritas abaixo, e depois tente explicar que efeito narrativo ele consegue imprimir.

- “ Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes.” (L. 2)
- “E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.” (L. 37,38)
- " Foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca." -

3.5. Módulo V – Os mecanismos de textualização

3.5.1. Atividade 1 – Os personagens (a coesão nominal)



Professor

O objetivo desta atividade é reconhecer as operações de **coesão nominal** (referenciação, sequenciação ou conexão) e analisar as escolhas lexicais – pensar a maneira como essas escolhas afetam o modo de organização e da referenciação dos personagens.

Os mecanismos de coesão nominal têm a função de introduzir os temas e/ou personagens novos, além de assegurar sua retomada ou a sua substituição no desenvolvimento do texto.

As unidades que realizam esses mecanismos são chamadas de anáforas e podem ser: pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos.

1. Identifique todos os personagens, **marcando-os no texto**, com cores diferentes. Organize uma legenda com uma cor para cada personagem:

Honório	Gustavo	Carteira	D. Amélia	filha
---------	---------	----------	-----------	-------

a) Depois, caracterize-os como se pede:

protagonista _____

antagonista(ou secundário)_____

coadjuvante _____



2. Volte ao conto lido e marque **no texto** o que se pede, com as cores da legenda, próprias para cada personagem:

- a) Todos os termos usados no texto para referir-se a Honório.
- b) Todos os termos do texto que se referem à Carteira encontrada por Honório.
- c) Do mesmo modo procure os termos que se referem aos personagens Gustavo e D. Amélia.
- d) Agora, copiem no quadro abaixo os termos referentes aos personagens, indicando o número de vezes que se repetem:

Honório	Gustavo	Carteira	D. Amélia



Professor

Esta atividade pode ser dinamizada se a sala for dividida em grupos e cada um procurar os termos referentes a um personagem e ao final socializar os resultados para os demais.

- e) O que você observou ao realizar o exercício acima?

- f) Os mecanismos de conexão nominal têm a função de introduzir temas. Podemos dizer que neste conto há quantos temas? Quais são eles?





3.5.2. Atividade 2 – O Tempo e o Espaço da narrativa - A conexão

Nos gêneros que se agrupam na **ordem do NARRAR**, a coerência existe, sobretudo, em função da **organização temporal**, isto é, do modo como se marca o tempo dos acontecimentos narrados.

Nas narrativas uma série de organizadores textuais (conjunções, advérbios, ou locuções adverbiais, grupos preposicionais, grupos nominais e segmentos de frases) contribui para a marcação das articulações entre as fases e subfases da sequência narrativa, que são introduzidas pelos organizadores.

1) No conto a Carteira, encontramos algumas conjunções que funcionam como organizadores textuais internos entre as orações. Leia os fragmentos abaixo, reflita e **relacione** as frases com a explicação dos organizadores textuais e temporais em destaque.

- (1) “... **E** toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, **e** a más horas”.
- (2) “... **e** tudo a crescer, **e** os bailes a darem-se, **e** os jantares a comerem-se e um, um turbilhão perpétuo, uma voragem”.
- (3) “**Um dia**, uma mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era”.
- (4) “Gastos de família Excessivos, a princípio por servir um parentes, **e depois** por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão”.
- (5) “A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; **mas** todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores”.



- () Assinala a transição entre as fases de exposição ou ancoragem e início dos esclarecimentos sobre o conflito que o personagem vive ; funciona, além disso, como sequenciador temporal da narativa.
- () Repetição enfática de um articulador, sugerindo acúmulo de ações sucessivas durante um longo período de tempo.
- () Este e outros conectivos adversativos: marcam oposição entre dois enunciados ou dois segmentos do texto.



- () Quando usado no início de um segmento, esta conjunção anuncia o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes; indica uma progressão que adiciona, acrescenta algum dado novo.



Quando usado no final, soma argumentos orientados para uma mesma conclusão — a situação de dificuldade financeira vivida pela personagem.

- () Esse organizador temporal assinala a passagem de um período para outro estabelecendo entre elas relação lógica de sucessividade.

2) Nos períodos abaixo estão destacados alguns organizadores textuais. Explique que relação eles estabelecem.

- a) **Quando** o Gustavo, que ia **todas as noites** à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro, **e depois** ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, o que e Gustavo escutava com indizível prazer, **ou** jogavam cartas, ou simplesmente Falavam de política.

- b) **Mas daí a pouco** tirou-a outra vez, **e** abriu-a com vontade, de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? **Afinal** venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, uma boa sorte sua, um anjo ... Honório teve pena de não crer nos anjos ... **Mas** por que não havia de crer neles? **E** voltava ao dinheiro olhava, passava-o pelas mãos; **depois**, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem?



- 3) **No discurso narrativo**, destacam-se os **organizadores textuais de tempo e sequenciação de fatos**, ao lado dos **organizadores espaciais e lógicos**. Com base no exposto, relacione os fragmentos retirados do conto com o sentido proposto pelos organizadores, em destaque. Analise cada um com atenção, pois em um mesmo fragmento pode existir os dois organizadores.
- (1) organizadores espaciais e lógicos – indicam o local onde se realiza a ação.
- (2) organizadores textuais de tempo e sequenciação – indicam o momento em que os fatos aconteceram.
- () **De repente**, Honório olhou para o chão e viu uma carteira.
- () Mas **daí a pouco** tirou-a outra vez, e abriu-a com vontade, de contar o dinheiro.
- () A dívida urgente **de hoje** são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros.
- () **Chegando a casa**, já **ali** achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a própria D. Amélia o parecia também.
- () dizia-lhe **ultimamente** o Gustavo C.
- () Tirou-a do bolso, **finalmente**, mas com medo, quase às escondidas, abriu-a, e ficou Trêmulo.
- () **Eram cinco horas da tarde**. Tinha-se lembrado de ir um Agiota um, mas voltou sem ousar pedir nada.
- () **Quando** o Gustavo, que ia **todas as noites** à **casa dele**.
- () **Nunca demorou tanto** a conta, nem ela cresceu tanto, **como agora**, e, a rigor, o Credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe **hoje** uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe **hoje** mesmo.
- () Ao enfiar **pela Rua da Assembléia** é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.
- () **Um dia**, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha.
- () Gastos de família excessivos, a princípio por servir um parentes, **e depois** por agradar à mulher...
- () Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu **uma última gota de café, sem reparar que estava frio**. Saiu, e só então reparou que era **quase noite**. Caminhou **para casa**.





O espaço da narrativa é onde o enredo acontece também chamado de ambiente, é o local por onde circulam personagens e se desenrola o enredo.

4) No conto *A carteira* existe um espaço muito bem delimitado que ficamos conhecendo no 13º parágrafo. Confira o fragmento abaixo:

“Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até **o Largo da Carioca**. No Largo parou alguns instantes, - enfiou depois pela **Rua da Carioca**, mas voltou logo, e entrou na **Rua Uruguaiana**. Sem saber como, achou-se daí a pouco no **Largo de S. Francisco de Paula**; e ainda, sem saber como, entrou em **um Café**. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora.”

a) A partir desse fragmento é possível saber em que local ou espaço ocorreu o conto, ou outras informações terão que ser buscadas. Justifique sua resposta.

b) Para conferir o trajeto feito pela personagem uma atividade no laboratório de informática foi preparada para você. Lá, acesse o endereço <http://maps.google.pt/maps?hl=pt-BR&ie=UTF-8&tab=wl> e digite o nome da cidade e os nomes das ruas por onde o personagem passou. Conforme exemplo abaixo.





5) Após a pesquisa no site, responda as questões abaixo:

a) É possível calcular quanto tempo Honório levou para percorrer este trajeto?

b) Quantos quilômetros ele percorreu? _____

6) Sabe-se que o tempo determina o período em que acontecem as ações no conto. Nas narrativas ele pode ser **cronológico** ou **psicológico**. Cronológico quando mede o tempo e psicológico quando não é mensurável racionalmente.

a) Determine qual a duração desta narrativa, justificando sua resposta com passagens do conto. _____

b) É possível dizer que o agente produtor utiliza-se do tempo psicológico nesse conto, para descrever o conflito vivido pelo personagem. Encontrem no texto algumas marcas dessa utilização.

3.6. Módulo VI – Dramatização dos Contos

A seguir, apresenta-se uma possível estratégia de trabalho para aplicar os conhecimentos adquiridos sobre o gênero conto, em lugares sociais. Este trabalho é a finalização, das etapas anteriores, a saber:

A primeira ofereceu um circuito de leitura de alguns contos selecionados de Machado de Assis, e outros autores, com intenção de proporcionar oportunidades de leituras e compreensão do gênero literário conto. Neste momento os estudantes já escolhem os contos preferidos para confeccionar o cenário e os personagens para a dramatização.

Na etapa seguinte, de estudo do conto selecionado, as equipes organizam-se para os ensaios e escolhem os lugares sociais onde farão a intervenção dramática. Estas leituras e dramatizações acontecerão em grupos da terceira idade, escolas e creches.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações se fazem necessárias para o entendimento de todo o contexto deste caderno pedagógico, dos conceitos e atividades aqui apresentados. A primeira é a de que, com a tentativa de explicar as concepções adotadas, alguns conceitos podem ter sido um pouco simplificados. Assim, indica-se a bibliografia abaixo para que o professor(a) interessado possa aprofundar-se no aporte teórico.

A segunda consideração a ser feita é a de que, as atividades apresentadas, neste caderno, podem ser trabalhadas com qualquer texto do gênero conto. Outro aspecto importante de que devemos estar cientes é que, ao se trabalhar com gêneros da esfera literária, estamos ensinando aspectos culturais e artísticos, pois os gêneros são produzidos por pessoas de um determinado contexto social, histórico e cultural.

Assim, observou-se que na elaboração de atividades desde gênero, ou de qualquer outro, as escolhas lexicais estão diretamente ligadas ao contexto de produção do gênero e, conseqüentemente, às características culturais do seu contexto, que precisam ser ensinadas aos educandos. Ao optar por trabalhar com gêneros textuais, da esfera literária, o professor não pode mais restringir os estudos ao período literário, ou aos aspectos lingüístico-discursivos presentes no texto, visto que, como vimos, eles são apenas uma parte do todo.

Finalmente, ressalta-se que o conjunto proposto pelas reflexões e atividades que constam nesse caderno foi organizado a partir de intensos estudos e leituras realizadas no período de aproximadamente 15 meses de dedicação teórica, reuniões, encontros e discussões. Constituindo-se num exercício de produção intelectual que contribuiu para mudar a práxis e a qualificação pessoal desta professora/autora, bem como, contribui com a educação pública do Estado do Paraná, sendo importante fonte de pesquisa para outros professores da rede.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. **Murmúrios no espelho**. In: ASSIS, Machado. *Contos*. São Paulo: Ática, 1976, p. 6.

ASSIS, M. **Obra Completa**. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12/04/2010.

_____. **Obra completa**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>> Acesso em 30/03/2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso in: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p. 261-306.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. 10 tir. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 203.

BRAYNER, S. (org.). **O conto de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 8 -14.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo (trad. Anna Rachel Machado). 2ed. São Paulo: Educ, 2007.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, vol.4, n.9,set/1972.

CRISTOVÃO, V.L.L. **Gêneros e ensino de leitura em LE**: Os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático. 2001. Tese (Doutorado em Linguística aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/09.htm>>acesso em 25/02/10.

_____. **Modelos didáticos de gênero**: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira. Londrina, UEL 2007.

DELL' ISOLA, R.L.P. **A interação sujeito-linguagem em leitura**. In MAGALHÃES, I. (org). *As múltiplas facetas da linguagem*. Brasília: UNG, 1996. P. 69-75.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. (Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro). Campinas: Mercado de Letras, 2004.



DRUMMOND, C. **Contos Plausíveis**. Disponível em:
<<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond37.htm>>, acesso em
25/02/2010

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GOODMAN, K. S. **O processo da leitura**: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERRIRO, E; PALACIO, M. G. (Orgs). Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto alegre: Artes Médicas, 1987, p. 11-22.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 4. ed. Sao Paulo: Atica, 1988.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

KOCH. I. G.Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFFA, V.J. **Perspectivas no estudo da leitura**: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.;PEREIRA, Aracy E. (Orgs). O ensino da leitura e produção textual. Pelotas: Educat, 1999. In LEFFA, Vilson J. (compilador). TELA (Textos Linguística aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000.

MENEGASSI, R.J. **Compreensão e interação no processo de leitura**: noções básicas ao professor. Revista Unimar, Maringá, 1995.

MOISES, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MOITA LOPES,L.P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras,1996.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed da Unicamp, 1988.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. SEED Curitiba, 2006.

PIGLIA, R. **Teses sobre o conto**. Caderno MAIS, Folha de São Paulo, domingo, 30 de dezembro de 2001, p. 24.

REIS, L. M. R. **O que é o conto**. São Paulo: Brasiliense. 1987, p.10.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.